

Sedutor, o professor desperta o desejo e acorda as paixões e, assim, leva o discípulo a experimentar novas dimensões

O mestre e seus feitiços

Por **Marcia Simões Corrêa Neder Bacha**

O que é educar? Talvez a primeira definição que lhe venha à mente, leitor, seja que educar é "impor limites". De fato, isso é uma espécie de consenso entre os profissionais da área: educar é reprimir, educar é adaptar o indivíduo ao social, educar é socializar. Perdida como arte de formar, a educação vem se firmando como um adestramento, um treinamento para a aquisição de comportamentos, habilidades e informações imediatamente utilizáveis.

Que felicidade quando encontramos um filme como *O Carteiro e o Poeta*, do diretor inglês Michael Radford. Bela metáfora da educação, que condensa aspectos psicológicos complexos envolvidos no ofício de educar e que passam ao largo de uma produção em série de mais um eletrodoméstico a co-habitar conosco em nossos lares modernos. Metáfora da educação, bem entendido, tal como a tenho concebido essencialmente em *Psicanálise e Educação: Laços Refeitos e A Arte de Formar: o Feminino, o Infantil e o Epistemológico*.

Sonhando com outro mundo, como Pablo Neruda sonha com o comunismo – motivo pelo qual foi exilado para essa ilha de pescade-



Cena de O Carteiro e o Poeta (1994): com metáforas, filme mostra a sedutora relação entre mestre e aluno

res na Itália —, Mario Ruoppolo oferece-se para trabalhar nos correios. Cliente único do carteiro numa população de analfabetos, o poeta chileno exerce um fascínio crescente sobre Mario, encantado com seu poder de enlouquecer as mulheres com seus “poemas de amor”.

Dia após dia, o carteiro sobe a encosta íngreme em sua bicicleta para falar com o poeta, ainda que não tenha correspondência para lhe entregar. Um dia, depois de muito ensaiar diante do espelho, vai até Neruda pedir-lhe uma de-

dicatória para as *Odes Elementares* que havia comprado. Insistente, Mario repete versos dessa composição e acaba por irritar o poeta, que o rechaça pedindo-lhe que não o amolasse mais com suas metáforas.

Mario não se intimida. Ao contrário, curioso pergunta “o que são metáforas?”. Neruda, rindo, repete: “Metáforas?... Metáforas são... Como posso explicar? Quando se fala uma coisa comparando-a com outra.” Impressionado com o que

ouvia, Mario pergunta ao poeta se também era uma metáfora: “O cheiro de uma barbearia me faz soluçar em voz alta.” Neruda diz “não exatamente” e Mario continua: “Também gostei quando escrevi: ‘Estou cansado de ser um homem.’ Isso também acontece comigo, mas nunca soube como dizer.” E pergunta: “Por que ‘o cheiro de uma barbearia me faz soluçar em voz alta’?”. Neruda explica: “Você vai ver, Mario, eu não poderia lhe dizer com palavras di-

NO PLANO INCONSCIENTE, O MESTRE OCUPA UMA DIMENSÃO VERDADEIRAMENTE ENCANTATÓRIA

ferentes das que usei. Quando você a explica, a poesia fica banal. Melhor do que qualquer explicação é a experiência de sentimentos que a poesia pode revelar a uma alma suficientemente aberta para entendê-la." Mario fica cada dia mais fascinado pelo chileno e dessa relação encantada nasce no carteiro o desejo de ser poeta. "Eu também gostaria de ser um poeta... Como alguém vira poeta?", pergunta. "Tente caminhar lentamente pela costa até a baía e olhando à sua volta". "E elas virão para mim, as metáforas?". "Certamente", afirma o poeta.

SE EDUCAR É ALIMENTAR, OS CONHECIMENTOS SÃO ALIMENTOS A SEREM INCORPORADOS

Um dia, Mario cria sua primeira metáfora. Enquanto o poeta recitava, diz que se sentiu estranho, com as palavras indo para frente e para trás como o mar. "Na verdade me senti enjoado. Porque... não sei explicar... me senti como um barco balançando nas suas palavras." "Sabe o que acabou de fazer, Mario?". "Não, o quê?". "Você inventou uma metáfora."

Cativo das metáforas do poeta, Mario tentará usar a mesma arma para conquistar a sua Beatriz. D. Rosa entra no quarto da sobrinha e, surpresa, quer saber em que ela está pensando com a janela aberta; Beatriz diz "em metáforas". "Metáforas? Nunca tinha ouvido você falar assim antes. Que metáforas ele fez para você?", interro-

ga a tia já nervosa. "Ele disse que meu sorriso se espalha como borboletas." "E depois, o que fez Mario?", quer saber D. Rosa, já que "seu carteiro, além de uma boca tem duas mãos". Ela fica espantada ao saber que ele não encostou suas mãos em Beatriz e que trocaram apenas palavras e olhares; entretanto, Beatriz sentiu como se ele estivesse tocando nos seus cabelos. "Já chega", diz a tia: "Quando um homem começa a lhe tocar com palavras, não está longe de lhe tocar com as mãos." A sobrinha diz: "Não tem nada de errado com as palavras", mas a tia responde:

"Palavras são as piores coisas que existem. Eu prefiro um bêbado no bar tocando seu traseiro do que alguém que lhe diz: 'seu sorriso voa como uma borboleta!'", Beatriz a corrige dizendo que é "espalha-se como uma borboleta". D. Rosa sai em busca de Neruda para se queixar que Mario seduziu sua sobrinha com "metáforas... Ele a deixou tão quente quanto um forno com suas metáforas... Sua boca está cheia de feitiços". Don Pablo ri.

O mestre: encantamento e sedução

A relação apaixonada que vemos nascer no carteiro pelo poeta Neruda desnuda a dimensão

verdadeiramente encantatória e sedutora que o mestre ocupa em nosso inconsciente. O domínio exercido por esse outro externo a nós é também domínio exercido pelo estrangeiro que carregamos em nós, o inconsciente, que nos sujeita às pulsões, às paixões, às angústias, aos impulsos e fantasias. A angústia suscitada por essa ameaça de subjugação encarnada no outro pode dar origem a uma verdadeira guerra, como a que trava Alcibíades, fascinado por Sócrates, em *O Banquete*, de Platão. Mas também pode ser suportada abrindo caminho para a colheita, como nos mostra essa história de Mario Ruoppolo que, longe de fugir, avança obstinadamente em direção a ela. Com uma certa singeleza, ele se entrega à sedução e deixa-se capturar pelas redes do poeta como nunca se deixou prender pelas redes tristes dos pescadores da ilha.

Capturado pelo discurso de Sócrates, Alcibíades sofre. Ele é um mestre terrível porque encanta os homens "sem instrumentos, só com simples palavras". Alcibíades quer fugir do encantamento desse discurso filosófico que dói como a "mordida da víbora". Quer escapar ao sofrimento e à "condição servil" de sua alma "sob o efeito dos discursos deste homem" e tampa os ouvidos. "A custo então, como se me afastasse das sereias, eu cerro os ouvidos e me retiro em fuga, a fim de não ficar sentado lá e aos seus pés envelhecer."

Alcibíades tampa os ouvidos como os companheiros de Ulisses na *Odisséia*. Circe, a feiticeira



marabout

Um olhar delicado sobre a sedução e a sexualidade feminina, na obra de Henri de Toulouse

ra, alertou o herói para o perigo da voz das sereias, uma voz que "encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por isso, delas se avizinha e as escuta", ficará cativo do seu "canto harmonioso". A sereia encanta o humano prometendo-lhe conhecimento e arrastando-o para a morte, levando-o a juntar-se às "ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo", que se amontoam em sua ilha.

Com "cera amolecida" Ulisses tampa os ouvidos de seus companheiros para que consigam atravessar a perigosa região das sereias. Ulisses, entretanto, ata-se ao mastro da sua embarcação para "experimentar o prazer de ouvir a voz" delas e afastar-se "maravilhado e conhecedor de muitas coisas", já que elas sabem de tudo "o

que acontece na nutricia terra".

Tal como o canto das sereias, o ensinamento socrático encanta e submete. Esse encantamento que cativa Alcibíades é também o que, conforme Sócrates, tem "algum poder" de fazer com que o discípulo se torne "melhor".

Foi isso que Mario Ruoppolo pôde experimentar, entregando-se, como Ulisses, ao canto do poeta. Naquele pedaço de terra cercado pelo mar, a água é escassa, mas os moradores não se incomodam com isso. Mergulhados numa cultura que é um monumento da Antiguidade e que eles próprios nunca saborearam, os habitantes dessa ilha da Itália não parecem importar-se com seu analfabetismo. É preciso que um estrangeiro comunista e poeta chegue à ilha para despertar sua sede de água, de

cultura e de poesia.

A presença do poeta na ilha é tão fundamental quanto a do outro ser humano em nossas origens e em toda a nossa formação. O bebê nasce e o adulto interpreta sua agitação, seu choro, como fome – uma fome que o leite materno já está preparado pelas montagens da espécie para saciar. No entanto, entre o leite e o bebê o adulto introduz o seio, infiltrando de contrabando uma coisa a mais que é o prazer. O adulto oferece ao bebê o leite embalado nas suas pulmões, nas suas paixões, na sua sexualidade inconsciente. Dizemos, então, com Jean Laplanche e sua teoria da sedução generalizada,

que o adulto seduz o bebê, ou seja, desvia-o de seu curso biológico para nele implantar a sexualidade, despertando um prazer que ele buscará repetir sugando o próprio dedo. Esse é o protótipo do prazer, porque, evidentemente, do dedo não sai leite. Mas essa fantasia dá prazer.

A "antropofagia" na educação

Nas origens da nossa vida psíquica, habita essa sedutora originária, erotizada e erotizante. Mãe-Eva que introduz o seio-maçã entre o leite e o bebê, despertando a sua voracidade e a sua sensualidade e cujo lugar será ocupado pelo professor em nosso incons-

Educar é nutrir com Eros, diz Platão, imortalizando a metáfora do antropófago, que vem ao mundo para canibalizar o seio que o alimenta

ciente. Da mesma maneira que o seio, a educação e a escola são uma oferta, carregada de significações inconscientes, que o adulto faz à criança.

A psicanálise descobriu que é como um pequeno antropófago que o humano vem ao mundo, canibalizando o seio que o alimenta. Como Freud escreveu nos seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), na fase oral ou canibal, amar e comer estão unidos, são permutáveis.

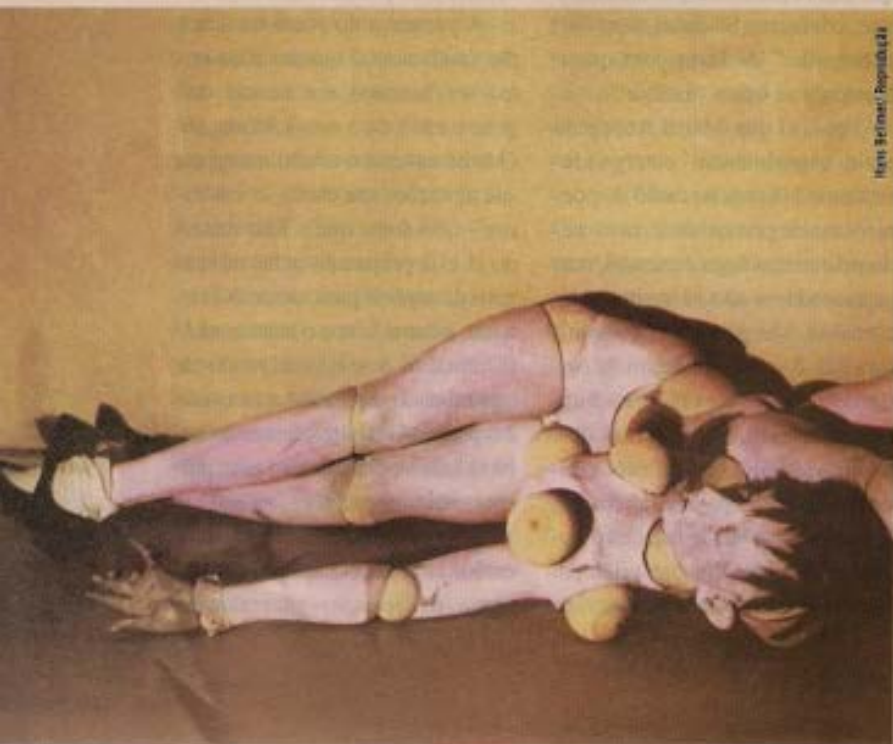
Educar é nutrir com Eros, diz Platão em *O Banquete*. Desde os antigos a nutrição tem sido tomada como uma metáfora privilegiada para a educação. Na *Paidéia*, Jaeger escreveu que Platão quis "suscitar na sua cidade uma fome devoradora e insaciável deste gênero de alimento" constituído pelas odes dos poetas, que foram os primeiros educadores do mun-

do grego. Os banquetes eram o local educacional por excelência entre os gregos, onde celebravam a "força educadora do Eros masculino", explicitando o caráter erótico dos laços que unem mestre e discípulo.

Se educar é alimentar, então o prazer e a angústia de devorar e ser devorado protagonizam o cenário educativo. Na realidade simbólica, os conhecimentos são alimentos a serem incorporados.

Nos seus *Estudos sobre a Histeria* (1895) Freud já se dizia impressionado por observar o caráter literário de suas histórias clínicas e consolava-se com a observação de que sua linguagem poética era estritamente dependente da natureza do próprio objeto. Seu estilo teria que ser necessariamente poético, figurado, porque há enormes fatias da realidade psíquica que só podem ser cortadas, recortadas e trabalhadas com os recursos da poesia e da metáfora – seja essa matéria-prima proveniente do texto escrito, da experiência na clínica ou da psicanálise extramuros, que é aquela que se desenvolve para além da prática terapêutica. Como dialogar com fantasmas/fantasias, com criações do nosso imaginário e das nossas zonas sombrias, usando uma linguagem científica?

Como Mario, criei uma metáfora para designar o professor: chamei-o de mestre-e-cuca: Cuca como a bruxa que angustia e encanta com seus feitiços, e ameaça comer as criancinhas (como Neruda, comunista acusado desse crime pelo padre no filme);



Hans Belmer: Reprodução

cuca como o bolo-cuca de nossa infância e, finalmente, Cuca como o bom de cuca ou o que tem a cuca fundida como o dr. Fausto, de Goethe, exemplar do intelectual e do seu destino funesto: o primeiro personagem a embarcar na nau dos loucos, o barco criado pelo alemão S. Brant em 1494 e que foi uma espécie de *best-seller* até o século XVII.

O mestre-e-cuca não seduz. Como Don Pablo com sua poesia, o mestre mantém uma relação erótica com o objeto (conhecimento, ofício, arte ou técnica), e é essa relação que provoca efeitos sedutores, motivadores.

Em outros termos, o professor, qualquer que seja o seu sexo, ocupa em nosso inconsciente (e no dele) esse lugar da sedutora originária: o educar está ligado à função materna, o ofício do professor está ligado ao feminino. Mas um feminino vestido com as fantasias angustiantes da maternidade, pois a mãe de que se trata aqui não é a mãe protetora e carinhosa, mas uma mãe-ogra ou Esfinge devoradora impulsionada pela pulsão oral. Sabemos que a sexualidade para Freud não significa a união genital visando à reprodução: as pulsões parciais (pulsão oral, pulsão anal, pulsão de ver, pulsão genital) compõem a sexualidade, que produz prazer e também angústia, como acabamos de ver no desesperado Alcibíades arrastado por suas paixões.

Milhares de bruxas foram mandadas à fogueira por causa de seu péssimo hábito de devorar recém-nascidos. Essa ameaça de ser de-

vorado é também o tema central das histórias que os adultos contam às crianças. Não por acaso, uma vez que esse é um tema muito interessante para o nosso inconsciente. Os contos de fadas dividem a figura materna em uma fada boazinha e uma bruxa maligna e, com essa divisão, nós nos protegemos da angústia de dissolução que é inseparável do desejo pela mãe e que é também desejo de voltar ao ventre.

Refletindo sobre a psicologia do escolar em 1914, Freud se perguntava sobre o que teve maior importância em nossa formação, as ciências ensinadas ou a personalidade dos mestres, com os quais nos relacionávamos de modo ambivalente, com amor e ódio, carinho e hostilidade. Isso porque transferíamos para eles os mesmos sentimentos ambivalentes que havíamos nutrido por nossos primeiros educadores. Essa reedição – ou, repetição – do passado foi por ele chamada de transferência.

Em suas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1932-33), Freud pronunciou suas últimas



Significações inconscientes: entre o leite e o bebê, o adulto introduz o seio e possibilita o prazer

Caríbdis da frustração”.

Homero descreve esses dois monstros na *Odisséia*. Caríbdis engole o mar três vezes por dia e, três vezes por dia, vomita tudo. Cila, uma bela ninfa, foi transformada pela ciumenta Circe numa criatura horrenda que engole todos os que por ela passam. Navegando pelo Estreito entre esses dois monstros femininos, os marinheiros fugiam de Caríbdis e acabavam devora-

O PROFESSOR, QUALQUER QUE SEJA O SEU SEXO, OCUPA O LUGAR DA SEDUTORA ORIGINÁRIA

palavras sobre a educação, confinando-a inteira, no interior de um campo delimitado por Cila e Caríbdis, dois monstros femininos enfrentados por Ulisses. A educação, diz ele, deve “escolher seu caminho entre o Cila da não-interferência e o

dos por Cila. Ou, tentando fugir de Cila, eram tragados pelo redemoinho de Caríbdis. Assim, a associação feita por Freud da educação com as duas criaturas pavorosas, dois monstros fêmeas devoradores como a Esfinge, remete a uma es-



Tiros em Columbine:
o diretor Michael Moore procura
os culpados pelo massacre na
Columbine High School

colha entre duas opções igualmente perigosas. Mesmo que ele não tenha dito isso no conteúdo manifesto do seu texto é possível empregar a própria psicanálise por ele criada, os seus instrumentos, e interpretar assim o conteúdo latente da sua leitura do texto de Homero e da sua versão da educação.

É aí, nesse Estreito guardado por monstros fêmeas assustadoramente vorazes e angustiantes, que nosso inconsciente situa a educação. Quem conseguir sobreviver a uma terá que se debater com a

ra que transformava os estrangeiros em animais.

Mestre-e-cuca, mestre-sedutor como Don Juan, ele quer despertar o desejo e acordar as paixões, levando o discípulo a experimentar dimensões novas da sua existência.

"Decifra-me ou te devoro"

Olhando o cenário da educação com os olhos do poeta, vale dizer, com suas metáforas, não será difícil enxergar o que chamei de um festim canibal: alunos criticando o mestre porque "dá ou esconde o leite", "vomita" seus conteúdos, "entope-os" de matéria ou os deixa famintos, privados da satisfação de sua fome de saber. Ou ainda quer devorá-los, desintegrá-los, torná-los suas cópias, pagaios de suas idéias. O professor, por sua vez, sai da sala de aula sentindo-se esvaziado e sugado pelos alunos, dividido entre o prazer e a angústia de incorporar e ser incorporado, devorar e ser devorado, destruir e ser destruído.

É preciso ficar atento para não engolir a criança, para não destruir a individualidade e a autonomia do discípulo, porque este

mesma maneira que o adulto educador precisa ficar atento para o seu próprio desejo de ser engolido e incorporado, porque esse desejo é inseparável da angústia de derreter no calor da fusão e da supressão da sua própria individualidade. E que no filme aparece na irritação de Neruda diante da insistência de Mario para que escreva um poema para Beatriz como se fosse ele. Não por acaso, esse é o único momento do filme em que os dois se enfrentam com uma certa rispidez.

Desde nossas origens psíquicas, somos acolhidos e invadidos por um outro ser, como os habitantes da ilha da Itália onde Pablo Neruda se exila inoculando um desejo em Mario Ruoppolo, implantando-lhe o desejo de ser poeta e de saborear as metáforas. Nessa concepção psicanalítica de educação que venho desenvolvendo, o professor surge redimensionado. No lugar da hipervalorização dos métodos de ensino e de aprendizagem, das técnicas para motivar os alunos e do arsenal tecnológico usado para diminuí-lo, tenho afirmado à contracorrente que o professor é a figura fundamental da educação e, por isso mesmo, sua formação deveria merecer uma atenção especial. Incluindo a sua formação psicológica, que há muito vem deixando a desejar e para a qual a psicanálise tem uma enorme e subtilizada contribuição.

Contribuição subtilizada quando os psicanalistas levam sua disciplina a recuar diante do impossível desta missão, a que Freud se refe-

O EDUCAR ESTÁ LIGADO À FUNÇÃO MATERNA; O OFÍCIO DO PROFESSOR ESTÁ LIGADO AO GÊNERO FEMININO

outra. Triunfante, ainda terá que enfrentar as fascinantes sereias, habitantes dos mesmos mares. E com Circe, a feiticeira encantado-

é também um desejo dele, como nosso carteiro bem ilustra tomando as metáforas do poeta como suas, para conquistar a amada. Da

riu certa vez (dizendo que existiam três profissões impossíveis: psicanalisar, governar e educar), ou a achatar a sua abordagem da educação num raso jogo de forças "afetivas". Com a psicanálise, que Freud chamava também de "metapsicologia feiticeira", é possível explicitar a dimensão pulsional da educação – na escola ou fora da escola –, elucidando a relação que o adulto formador estabelece com suas fantasias e que são também fantasias tecidas na cultura.

Cabe ao analista ajudar o professor a escutar as metáforas, que sempre carregam o sinal do inconsciente, e a dialogar com os fantasmas que a relação transferencial acorda, pois conhece sua língua e seus hábitos de vida. Não é fácil reconhecer-se na pele da mãe ogra ou da enigmática e gulosa Esfinge, chamada de "a Angustiante": "Decifra-me ou te devoro". Trabalhar a transferência do mestre em relação à educação é ajudá-lo a conhecer as fantasias com as quais ele se veste e é vestido.

Não tem sido fácil desenterrar essa dimensão iniciática ou sedutora da educação, enterrada pela tradição psicanalítica sob a tese da educação como repressão, controle, mortificação. Essa dimensão bélica da educação é a única que o filme *Tiros em Columbine* (2002) nos deixa entrever. Esse filme de Michael Moore foi recordista de público em vários países, ganhador de prêmios, inclusive o Oscar. O título é uma referência ao massacre na Columbine High School, cometido por dois

adolescentes em 1999. O filme é um instrumento com o qual Moore parte em busca de uma resposta: de quem é a culpa? Como explicar uma cultura bélica como a norte-americana, que mata mais de 11 mil pessoas por ano?

Tércio Silveira diz que a "primeira seqüência de *Tiros em Columbine* é antológica". Michael Moore entra em uma agência bancária e sai com um rifle, brinde por ter aberto uma conta ali. O filme explora essa "idéia de que os americanos enxergam inimigos aos montes" e é de se perguntar "o que o cara vai fazer com o rifle? Vai se defender. De quem? Dos inimigos. Que inimigos? Ninguém sabe".

Nessa visão paranóica, o outro é sempre um inimigo contra o qual eu devo me armar – e nunca alguém com quem é possível a fruição de um prazer, como vemos aqui com

Mário e o poeta estrangeiro.

A formação pode ser uma das experiências que mais agudizam um conflito inerente à nossa humanidade, desnudando a imperfeição de um ser que não pode, jamais, prescindir desse outro. Talvez essa não seja uma característica desprezível dessa atividade que, expondo de um modo tão cristalino a primazia originária do outro, humilha nosso narcisismo. O outro é bem mais determinante naquilo que fazemos ou deixamos de fazer do que desejava o nosso ideal de autonomia figurado por Robinson Crusoe.

Mas em sua ilha, Robinson é esmagado pelo medo de ser comido pelo outro. A presença do canibal, duplo sanguinário, é invasora, obsedante. O fantasma de

Em Antropofagia, Tarsila do Amaral sugere a relação entre sexualidade e o ato de comer



O PROFESSOR SENTE-SE ESVAZIADO E SUGADO PELOS ALUNOS, DIVIDIDO ENTRE O PRAZER E A ANGÚSTIA

mora, mas acaba por tomar corpo. Um dia aparece, esse "outro temido, [...] espectro pavoroso e zombador sádico completamente nu e sangrento da imaginação do exilado", escreve F. Lestringant, em *O Canibal*. As marcas de um pé na areia, continua ele, comprovam: "canibais, sem dúvida alguma. Comedores de homens, ele o sabe e o pressente. Acontece, então, a Robinson aquilo que, dois séculos antes, aconteceu a Colombo: de tanto sonhar com o canibal, ele terminou por encontrá-lo". E, detalhe curioso, apesar da

sua luneta e da observação atenta, e de eles estarem "inteiramente nus", Robinson não conseguiu determinar-lhes o sexo!

Para Freud o outro é objeto de amor mas também da agressividade inerente à nossa constituição pulsional. E que está à flor da pele daqueles norte-americanos expostos no filme de Moore. Freud diz que o próximo não é para o homem, na tradução de Renato Mezan, "apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também um motivo para satisfazer sua agressividade, para explorar sua capacidade de trabalho sem retribuí-la, para aproveitar-se dele sexualmente sem seu

consentimento, para apoderar-se dos seus bens, para humilhá-lo, ocasionar-lhe sofrimentos, martimizá-lo e matá-lo" (*O Mal-Estar na Civilização*, 1929-30).

Para Mario Ruoppolo, esse estrangeiro que vem morar em sua ilha com a mulher está longe de ser um invasor. O carteiro e o poeta, bem como o professor e o psicanalista, trabalham todos com versões, mensagens, palavras – palavras que fazem Mario ir e vir, como um barco à deriva no mar de metáforas do poeta. Quantos professores não são capazes desse mesmo feitiço?

O poeta e o professor

A posteridade denegou o poder de sedução da Esfinge, prima das sereias. A Esfinge intelectual que nós conhecemos soterrou a Esfinge fascinante e erótica que canta e seduz, como escreveu Monique Schneider (1980). Da boca desse monstro fêmea ávido de sangue e de amor, fantasia do reino materno originário, brota o enigma que é, simultaneamente, canção e teoria. Mas é na posição de uma Esfinge examinadora e intelectual que o professor prefere ser visto, por ele próprio e pelos outros.

Talvez essa seja uma forma de afugentar a Esfinge fascinante e erótica com seu canto envolvente e sedutor que retorna sempre em qualquer formação, já que nosso inconsciente figura esse processo como um confronto entre uma criatura seduzida e a perversa sedutora. Esfinge ou Circe, Jocasta

Elementos metafóricos alimentam o inconsciente e dialogam com a fantasia e o desejo



Agreste/epa

ou Epicasta (a "Jocasta" em Homero), a sedutora originária vem assombrar discípulo e mestre envolvidos em uma formação.

Édipo confrontado com a Esfinge é Édipo confrontado com uma questão, com um enigma, como se o próprio da questão fosse um convite para realizar uma operação estritamente intelectual. Essa posição da Esfinge – puro logos, razão pura – é um biombo que esconde os movimentos sedutores dos quais Édipo fugiu. E foi a esse canto enigmático e sedutor da Esfinge que Mario Ruopolo se entregou com uma peculiar singeleza.

A voz, a fala, as palavras, as metáforas estão presentes o tempo todo no filme, que não se cansa de acentuar os seus poderes: a palavra tem poder de enfeitiçar, de criar, de subjugar, de dominar, como Freud descobriu com a *talking cure* (cura pela palavra) de Anna O. Ele escreveu que as palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico ou anímico: "E as palavras são também a ferramenta essencial do tratamento anímico. O leigo por certo achará difícil compreender que as perturbações patológicas do corpo e da alma possam ser eliminadas através de 'meras' palavras. Achará que lhe estão pedindo para acreditar em bruxarias. E não estará tão errado assim: as palavras de nossa fala cotidiana não passam de magia mais atenuada. Mas será preciso tomarmos um caminho indireto para tornar compreensível o modo como a ciência é empregada para restituir às palavras



No manuscrito *Phoenomena*, a versão latina de um poema grego de Aratus (300 d. C.), uma alegoria de que o homem e a cultura são feitos de palavras

pelo menos parte de seu antigo poder mágico" ("Tratamento Psíquico (ou Anímico)", 1905).

E mais adiante, ele explica: "É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro." Não é por meio delas que o padre e o político exercem o seu poder e a sua influência? Padre, político, carteiro, poeta, psicanalista e professor: todos profissionais da palavra que *O Carteiro e o Poeta* parece feito para celebrar.

Ora, se o professor, como o poeta, tem todos esses poderes de enfeitiçar o outro, não seria necessário oferecer-lhe uma formação que, longe de atribuir seus encantos a uma parafernália tecnológica, pudesse mostrar-

lhe a potência dos seus "cuspe e giz"? Para isso teríamos que nos render à natureza artística ou artesanal do ofício do mestre que *O Carteiro e o Poeta* exibem tão bem, em vez de tentar colocá-lo no altar da ciência. "Isso também acontece comigo, mas nunca soube como dizer"; Mario resente-se da falta das palavras que tanto o encantam.

E se o biombo da Esfinge enigmática fosse colocado por nós para nos protegermos da sua boca encantada? Afinal, como diz D. Rosa, "palavras são as piores coisas que existem".

Marcia Simões Corrêa Neder Bacha é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica, pesquisadora colaboradora da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, autora de *Psicanálise e Educação: Laços Refeitos* (Casa do Psicólogo/UFMS, 1998) e *Arte de Formar: O Feminino, o Infantil e o Epistemológico* (Vozes, 2002).